

Psicoterapia em tempos de radicalização.

Para ilustrar este tema, escolhemos a obra que tem três nomes: Rage (Fúria), Love is in the Air (O amor está no ar) ou Flower Thrower (Atirador de flores), do artista Banksy, pintada em Jerusalém.

A imagem nos remete de forma brilhante ao paradoxo da luta pela paz.



Como curar um fanático?

Pego emprestado o título do livro do pacifista judeu Amos Oz para refletir sobre o exercício da psicoterapia nos tempos atuais.

As redes sociais se tornaram um instrumento sofisticado de manipulação psicológica e produção de fanatismos, e são a grande arena de disputas políticas na atualidade, onde cidadãos servem gratuitamente aos interesses da máquina de propaganda político-partidária

O primeiro grande erro que podemos cometer é nos considerarmos imunes ao fanatismo, ou em outras palavras, à peste emocional, no termo usado por Reich. Uma diferença entre estes dois autores é que Amos acredita que o fanatismo está no “gen humano”, enquanto Reich acredita que é uma produção social, consequência justamente da violência com a qual nossas necessidades naturais são tratadas nas relações sociais.

Estou com Reich. Mas, a leitura do Amos é bem bacana, e traz sugestões leves de auto-proteção e “tratamento”, como: senso de humor (rir de si mesmo), boas leituras (de preferência, fora da rede social) e uso da imaginação, para sonhar com uma realidade diferente.

Se quer tratar um fanático, a premissa básica é que você mesmo não seja um ou uma.

A carga do momento está pesada, e já não é de hoje, temos uma pandemia recente nas costas. No dia anterior às eleições presidenciais brasileiras de 2022, publicamos este texto, com pequenas alterações, no Instagram, lembrando que precisaríamos nos preparar para um período difícil e delicado após as eleições. A atuação em prol do diálogo e do pacifismo precisam ser um compromisso ético dos profissionais de Saúde Mental, e também da Educação, mais do que nunca, em tempos de radicalização.

Vale destacar, no entanto, que quando o fanatismo é compartilhado por um grupo de pessoas e se manifesta como fenômeno social, estamos diante do fenômeno chamado por Reich de peste emocional.

A peste emocional se manifesta em vários níveis de conduta sádica: desde fofoca e bullying, até atos violentos, abusivos ou criminosos. Alguns destes podem ser abordados no contexto da psicoterapia individual. Outros não, para a própria segurança do profissional.

A criminalidade deve ser combatida através de recursos legais que têm a função de preservar a ordem e o bem-estar social. Do ponto de vista do acompanhamento psicológico de pessoas que cometem crimes, estes casos precisam ser acompanhados dentro de instituições aparelhadas com recursos legais e/ou multidisciplinares, que permitam abordar as manifestações de praga emocional de forma humanizada, e sem expor seus profissionais.

Aqui temos um problema bastante sério, porque a própria Justiça e suas instituições podem estar, e na maioria das vezes estão, dominadas por um funcionamento de peste. Nossa atuação tem limites, bem como a atuação de qualquer profissional, e precisamos ter a humildade e a prudência de reconhecê-los.

Fascismo, fanatismo e o paradoxo da luta pela paz.

O Fascismo é um tipo de fanatismo. Mas não é o único.

Enquanto movimento político e filosófico, e enquanto regimes de governo autocráticos que existiram ao longo da história, o Fascismo sempre esteve associado à extrema-direita.

No entanto, diante do aquecimento da discussão sobre o tema, precisamos fazer alguns esclarecimentos sobre a ideia de fascismo na obra de Reich. Ele aborda o fascismo como um processo bio-psico-social, uma manifestação do adoecimento psíquico dos indivíduos neuróticos e, portanto, como um fenômeno amplo, que não se restringe a ideologias ou partidos políticos específicos.

Reich analisa o Fascismo (movimento político-filosófico) enquanto fenômeno do seu tempo, mas passa a usar o termo de forma ampla e muito próxima à ideia que conhecemos atualmente como fanatismo, que se popularizou posteriormente em torno da radicalização ligada às políticas religiosas no Oriente Médio.

O fanatismo envolve qualquer sistema de crenças radicais, que justificam a violência movida pelo ódio (passagem ao ato de impulsos da segunda camada), e ganha força especial quando contagia grupos. O motivo pode ser qualquer coisa, até futebol. A real motivação é descarregar o ódio reprimido.

Qualquer pessoa inserida na nossa estrutura social é vulnerável ao fanatismo.

A estrutura social patriarcal, na sua atual versão neo-ciber-caótica-liberal, nos trata com violência cada vez mais sofisticada e, portanto, produz tendências violentas nas pessoas. De forma que somos todos vulneráveis. Não só os outros. Também eu e você.

O critério para identificar o fanatismo não é somente o conteúdo do discurso, que pode até conter ideias nobres como “paz”, “justiça” ou “liberdade”, mas principalmente a carga de ódio, a intolerância, e o desejo de subjugar o outro.

Lutar pelo que se acredita sem se deixar tomar pelo ódio e pela intolerância é a forma de expressar a própria agressividade de maneira saudável e socialmente compatível, e é a única forma de verdadeiramente “lutar pela paz”, pelo amor e pela democracia.

Em momentos de radicalização como o que estamos vivendo atualmente no Brasil, é importante lembrar-se disso, porque o contágio emocional se torna alto, e na atualidade é fortemente catalisado pelas redes sociais.

Entendendo a gravidade e a amplitude do fenômeno da radicalização fanática no atual cenário brasileiro, incendiada pelo período eleitoral, precisamos, enquanto profissionais de saúde mental, pensar em duas frentes de atuação: a sua contenção, e a sua prevenção.

É possível tratar o fanatismo em psicoterapia?

Como tudo no universo das psicoterapias, a resposta para esta pergunta é: depende. Vamos refletir sobre o papel dos profissionais de saúde mental na contenção do fanatismo e da peste emocional. Isto é particularmente importante para nós na psicoterapia corporal, porque o fato de Reich ter discutido o tema amplamente, pode nos levar à conclusão de que um bom terapeuta cura qualquer fanático. Mas não é bem assim.

A primeira dificuldade é que, em geral, o fanatismo está associado a posições ideológicas fortes e radicais, e confrontar a ideologia (opiniões e crenças) batendo de frente com ela é um erro. Em geral, o que acontece é que a pessoa abandona a terapia ou desenvolve uma transferência negativa intensa e difícil de manejar. Discutir opiniões numa sessão terapêutica muito raramente pode ser um ato terapêutico. A fronteira ética da Psicologia tem estado cada vez mais frouxa em relação a isso. Nosso papel é atuar terapêuticamente sobre as raízes emocionais do fanatismo, o que envolve necessariamente trabalhar as origens traumáticas da hostilidade (interpretar é diferente de opinar), bem como oferecer possibilidade de descarga expressiva destas emoções no contexto controlado e protegido do setting terapêutico.

Em alguns casos temos resultados melhores; em outros, pouquíssimos avanços. Isto depende não só da estrutura funcional da pessoa, mas também do contexto de vida que favorece ou não o trabalho, e da qualidade do vínculo terapêutico.

É possível prevenir o fanatismo?

Qual o papel da família e da escola neste trabalho de prevenção?

O trabalho de Prevenção em saúde mental proposto por Reich é um compromisso ético com as futuras gerações, que exige de nós disposição para repensar nossos valores morais e nosso estilo de vida. Precisamos de coragem e humildade para reconhecer os fracassos da nossa geração e da estrutura social que sustentamos. Reich defende que as crianças podem ser nossas mestras e nossas guias através da sua autenticidade e sua força vital. Então qual a função da educação, afinal? Apoiar e garantir as condições necessárias para o desenvolvimento? Ou evitar que a “natureza selvagem” das crianças gere adultos incapazes e mal sucedidos? Colocada desta forma tão explícita, esta crença latente sobre a natureza da infância parece um exagero, mas não é. A violência generalizada contra as necessidades humanas naturais, que gera esta atitude socialmente difundida de opressão da infância, foi chamada por Reich de peste emocional organizada, e muito bem descrita também por Maria Montessori em seu livro “A Formação do Homem”. O trabalho terapêutico com o período inicial da vida: nascimento, infância e adolescência; e também com famílias e com escolas, numa perspectiva reichiana, envolve uma conduta ética específica, e está amparada pela compreensão de Reich sobre a diferença entre impulsos primários e secundários; e sobre a relação entre as estruturas de poder vigentes na sociedade e a estruturação da subjetividade. Em poucas palavras, para prevenir o fanatismo, a lógica de exercício de poder segundo uma dinâmica de competição, dominação e submissão precisa ser

transformada. E as necessidades emocionais e o ritmo do desenvolvimento humano, em cada fase do ciclo vital, precisam ser respeitados. Em pequena escala, a estrutura e a lógica de exercício de poder social são transmitidos a cada criança através das relações humanas que ela vivencia e observa, sendo a família e a escola as duas principais organizações responsáveis por transmitir este ensinamento aos pequenos seres humanos em formação . Nestes grupos, a atuação terapêutica, tanto com ênfase no tratamento quanto na prevenção, pode ter um efeito importante.

O treinamento para este tipo de atuação profissional é realizado através de cursos de formação e capacitação de terapeutas. Oferecemos há 25 anos o Curso de Formação em Psicoterapia Corporal Reichiana, para capacitar psicoterapeutas a atuarem clinicamente com esta abordagem; e em 2023 estamos realizando uma nova parceria para oferecer a primeira capacitação em Família e Infância na Abordagem Reichiana, para terapeutas e educadores em geral.

Para saber mais sobre atendimento e cursos, visite nosso site www.psicoterapiareichiana.com ou entre em contato conosco pelo whatsapp 21 99889.4406

Acompanhe os lançamentos de artigos, e maiores novidades sobre as próximas turmas pelo nosso Instagram @psico_drops.

Até a próxima!

Ernani Eduardo Trotta

Psicoterapeuta coordenador do Núcleo de Psicoterapia Reichiana; Psicólogo (CRP 12184); Neurobiólogo, doutorado pela UFRJ e pós-doutorado pelo Instituto de Psiquiatria de Londres.

Juliana Lima Bezerra

Psicoterapeuta coordenadora do Núcleo de Psicoterapia Reichiana; Psicóloga (CRP 30083/05); terapeuta de casal e família; terapeuta em Constelação Familiar.

Referências bibliográficas:

Wilhelm Reich



**PSICOLOGIA DE MASSAS
DO FASCISMO**

martins fontes
são paulo

Reich, W. Psicologia de Massas do Facismo. 3ª edição.
São Paulo: Martins Fontes, 2019.



Oz, Amos. Como Curar um Fanático. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras,
2015.

MARIA MONTESSORI



A FORMAÇÃO DO HOMEM



Montessori, M. A Formação do Homem. 1ª edição. Campinas: Kíron, 2018.